

GAUDÊNCIO TORQUATO
ESTADO DE SÃO PAULO
FH pode virar papa?

-3 MAR 1997

Poderia um pároco de aldeia virar papa? Teoricamente, sim. Na prática, seria quase impossível, a não ser que a aldeia fosse muito próxima de Roma e o pároco, santo milagroso e amigo dileto dos cardeais.

Poderia Fernando Henrique, da noite para o dia, virar um atacadista da política, saindo do balcão do varejo, onde trabalha de maneira redobrada desde que se deflagrou a campanha da reeleição? Muito difícil, porque a arte de vender no atacado não é um ofício que dependa apenas do vendedor — exige vontade dos consumidores, predisposição e incentivo dos mercados. O presidente tem vocação para papa por suas qualificações pessoais. Age, porém, como pároco de aldeia, porque é refém da cultura paroquialista que predomina nos fiéis da comunidade política.

Sabe-se que FH é um reformista. Tem dado provas disso. Mas as forças de reação à reforma estão na própria formação do sistema



**As forças de
reação à
reforma estão
na própria
formação do
sistema político**

político brasileiro, aí incluídas as questões da representatividade, do sistema de voto, da fidelidade partidária, dos feudos e heranças eleitorais e da ausência de escopo conceitual nos partidos, entre outras. O presidencialismo, para garantir condições mínimas de governabilidade, usa seu poder e moedas de troca para se fortalecer, mantendo a base política em precário equilíbrio. As reformas são lentas porque o reformador age para contentar, ao mesmo tempo, os conservadores — a maioria que quer manter privilégios — e os “revolucionários” — a minoria que exige expansão da participação política, com ruptura rápida, completa e até violenta de valores.

O professor José Arthur Gianotti faz um belo diagnóstico quando diz que seu amigo Fernando Henrique corre o risco de “ser engolfado pela alienação que faz o sistema político girar em falso”.

Mas como sair do círculo vicioso, quando atores fundamentais

da vida institucional preferem sobrepôr o conceito regional ao conceito nacional, a visão paróquial à visão universal e o sentido pessoal ao sentido social da política?

São meramente retóricas, sem efeito prático, as reflexões em que se procura pregar ideais da modernização institucional e política, sem se estabelecer o oportuno corte com a identidade de um país territorialmente extenso, coberto por desigualdades regionais, cultor de feudos e de culturas conservadoras nas formas de operar a política. Poderia FH furar o arsenal de mazelas que nos cercam e ditar novas regras do jogo político, sem comprometer o equilíbrio de seu governo? É pouco provável. Sem a devida cautela, estaria cometendo suicídio.

Onde está, então, a saída para o impasse? No próprio corpo do sistema político, ou seja, no Parlamento. É aí que tudo pode começar a mudar. Mas as coisas não são tão fáceis. Como se sabe, a meta de político é preservar e expandir seu poder. Quando parlamentar, o político procura compatibilizar interesses coletivos e nacionais com necessidades pessoais, locais e regionais. Para aceitar aqueles quer recompensas para estas, sem o que estariam se

apeando da sela do poder. Para mudar a equação só mesmo alterando a forma de fazer política. Exemplo: a fidelidade partidária diminuirá a taxa de barganha, com efeito positivo sobre a racionalidade política.

A forma de governar no varejo pode ser também atenuada com a instituição de um grande projeto nacional de desenvolvimento, confundido frequentemente com metas setoriais e emendas de remendo, que são marcas corporativistas acomodadas para atender à fila do varejo. Trata-se, isso sim, de um macroprojeto com os eixos do desenvolvimento, matrizes conceituais para as regiões do País, programas para os centros congestionados, políticas agrícola e industrial, seleção de grandes prioridades e pólos de crescimento. Substitui-se a parede de mosaicos diferentes pela estrutura retilínea. O Orçamento-Geral da União seria, dessa forma, uma peça harmônica, equilibrada e, sobretudo, destinada a pôr o País nos trilhos. A bíblia pela qual rezaria o País e deixaria FH mais próximo do papado e bem longe da paróquia de aldeia.

■ Gaudêncio Torquato, jornalista, é professor titular da USP e analista político.